

- 10 - Fundação Brasileira : memórias com sons musicais / José de Almeida Mello; pref. Augusto de Albuquerque de Athayde ; colab. Durval Viveiros [et al.]; fot. Paulo Jacob, José António Rodrigues; rev. Luisa Silva. [Ponta Delgada]: Banda da Fundação Brasileira, 2013. - 260, [1] p.: il.; 25 cm. - Bibliografia, p. 255-256
- 11 - Segredos do convento : Nossa Senhora da Esperança / José de Almeida Mello ; pref. Vitor Melícias ; fot. José António Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Letras Lavadas, cop. 2012. - 91, [1] p. a 2 col.: il.; 20 x 25 cm. - Bibliografia, p. 87-89. - ISBN 978-972-8633-97-4
- 12 - Açores : Jesus, Menino presente / José de Almeida Mello ; fot. José António Rodrigues... [et al.]. - Ponta Delgada: Publiçor, D.L. 2011. - 119, [1] p.: il.; 22 cm. - ISBN 978-972-8633-72-1
- 13 - Conhecendo melhor... : a cidade de Ponta Delgada / José de Almeida Mello; colab. Elsa Gouveia, José Leal, Igor França. [Ponta Delgada]: Publiçor, 2011. - 31 p.; 23 cm. - (Caderno de anotações; 1). - ISBN 978-972-8633-78-3
- 14 - Padre Ernesto Borges : índice dos artigos publicados nos jornais de Ponta Delgada, 1980-1991 / José de Almeida Mello ; pref. Miguel Soares da Silva. - Ponta Delgada: Publiçor, D.L. 2011. - 91p.; 21 cm. - ISBN 978-972-8633-77-6
- 15 - Casa Cabral de Mello : a gestão de uma coleção privada / José de Almeida Mello ; pref. Diogo Gaspar. - Ponta Delgada: Publiçor, D.L. 2011. - 95, [1] p.: il.; 21 cm. - ISBN 978-972-8633-76-9
- 16 - Remédios : a memória do lugar / José de Almeida Mello ; fot. José Franco... [et al.]; rev. Elsa Gouveia, Marco Vieira, José Leal. Santa Cruz: Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2011. - 182, [1] p.: il.; 23 cm. - Ed. comemorativa do V Centenário da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios. - Bibliografia, p. 179-182
- 17 - Memória e identidade : cemitério de São Joaquim de Ponta Delgada / José de Almeida Mello ; fot. José António Rodrigues ; rev. cient. José Manuel Leal. - Ponta Delgada : Publiçor, D.L. 2011. - 115 p. : il. ; 23 cm. - Bibliografia, p. 109-111. - ISBN 978-972-8633-57-8
- 18 - Ponta Delgada : álbum da memória / José de Almeida Mello ; rev. científica José Manuel Leal. - Ponta Delgada : Publiçor, D.L. 2011. - 147 p. : il. ; 23 x 29 cm. - Bibliografia, p. 143. - ISBN 978-972-8633-50-9
- 19 - A ilha, o homem e a fé / António Tabico ; pref. José Andrade ; coord., sel. textos José de Almeida Mello. - Ponta Delgada : Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2010. - 123 p. ; 21 cm
- 20 - 7 dias 7 viagens / José de Almeida Mello ; il. Carlos Carreiro ; pref. Ângela Almeida. - Ponta Delgada : Publiçor, 2010. - 77 p. : il. ; 25 cm. - (Ficção). - ISBN 978-972-8633-39-4
- 21 - Sahar Hassamain synagoge in Ponta Delgada : history, restoration and conservation / José de Almeida Mello ; pref. Alberto Sampaio da Nôvoa ; trad. Ana Isabel Toste ; fot. José António Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Publiçor, 2009. - 112 p.: il.; 22 cm. - Bibliografia, p. 108-109. - ISBN 978-972-8633-04-2
- 22 - Nestor de Sousa : diretor do Museu Carlos Machado 1975-1985 / José de Almeida Mello ; fot. Museu Carlos Machado. - [Ponta Delgada]: Publiçor, imp. 2009. - 35, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 30-33
- 23 - Francisco d'Arruda Furtado : notas biográficas (1854-1887) / José de Almeida Mello. - 2ª ed. - Fajã de Baixo: Junta de Freguesia de Fajã de Baixo, 2009. - 47 p.: il.; 23 cm. - Ed. comemorativa do bicentenário do nascimento de Charles Darwin (1809-2009). - Bibliografia, p. 41-47
- 24 - João Paulo II : recordando a sua visita aos Açores / José de Almeida Mello ; pref. António Pinto da França. - [s.l.: s.n.], 2009 ([Ponta Delgada]: Nova Gráfica). - 113, [2] p.: il.; 23 cm. - Bibliografia, p. 101-113
- 25 - Francisco d'Arruda Furtado : notas biográficas (1854-1887) / José de Almeida Mello. - Fajã de Baixo: Junta de Freguesia de Fajã de Baixo, 2009. - 47 p.; 23 cm. - No âmbito das comemorações do bicentenário do nascimento de Charles Darwin (1809-2009)
- 26 - Salga : memórias do tempo e do lugar / José de Almeida Mello ; fot. José António Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Publiçor, 2009. - 255, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 243-249. - ISBN 978-972-8633-11-0
- 27 - Ponta Delgada, obviamente! : pintura de Carlos Carreiro / coord. Carlos Decq Motta ; comis. José de Almeida Mello; coord. Susana Melo Bettencourt; texto Berta Cabral, Fátima Sequeira Dias; fot. Carlos Decq Motta. - [Ponta Delgada]: ANIMA-Cultura: Câmara Municipal, [D.L. 2009]. - [28] p.: il.; 30 cm
- 28 - Lomba da Fazenda : traços de memórias / José de Almeida Mello. - [Ponta Delgada]: Publiçor, 2009. - 110, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 107-110
- 29 - Sinagoga Sahar Hassamain de Ponta Delgada : história, recuperação e conservação / José de Almeida Mello ; pref. Alberto Sampaio da Nôvoa ; fot. José António Rodrigues. - Ponta Delgada: Publiçor, 2009. - 112 p.: il.; 22 cm. - Bibliografia, p. 108-109. - ISBN 978-972-8633-04-2
- 30 - José Cabral de Mello : o poeta da saudade / José de Almeida Mello ; pref. Elsa de Almeida Mello Gouveia. - [Ponta Delgada]: Publiçor, D.L. 2009. - 69, [2] p.: il.; 24 cm. - ISBN 978-972-8633-12-7
- 31 - Forte de São Brás, diferentes olhares / Ana Pimentel... [et al.]; coord. Manuel da Silva, José de Almeida Mello. - Ponta Delgada: Comando da Zona Militar dos Açores, 2008. - 61, [2] p.: il.; 21 cm
- 32 - Retalhos de memórias : comemorações das bodas de ouro da freguesia da Nossa Senhora dos Remédios : povoação : 1957-2007 / José de Almeida Mello. - Nossa Senhora dos Remédios: Junta de Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, 2007. - 274, [1] p.: il.; 23 cm. - Bibliografia, p. 267-271
- Monografia da Relva : subsídios para a sua história / coord. José de Almeida Mello, José da Costa Melo. - Relva: Junta de Freguesia de Relva, 2005. - 334, [1] p.: il.; 23 cm

Apresenta LEGADOS HISTÓRICOS DA SINAGOGA DE PONTA DELGADA

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS.

.JÁ PARTICIPOU NO 5º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2006 , 33º BELMONTE 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 35º BELMONTE 2022

20. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL AICL

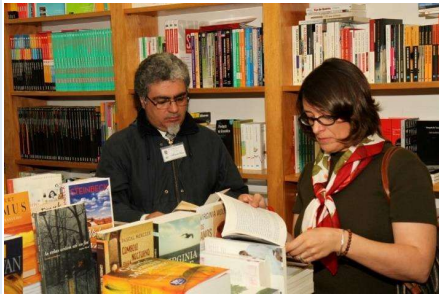
LUCIANO PEREIRA Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982, Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992. Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)



19º MAIA 2013



16º SANTA MARIA 2011



29º BELMONTE 2018



15º MACAU 2011



BIBLIOGRAFIA Comunicações e artigos:

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
- *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*
- *A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica*
- *A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio*
- *Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução*
- *O mau-olhado na cultura popular*
- *A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila*
- *Referências e indícios hebraicos na literatura popular*
- *Contributos árabes na literatura popular portuguesa*
- *As mouras encantadas no imaginário galaico-português*

- A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro
2. **Ensaio:** A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.
3. **Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):** A cidade A língua.

DISCIPLINAS LECIONADAS: Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...



11º Lagoa 2009



13º Floripa 2010



16º SANTA MARIA 2011



13º Floripa brasil 2010



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



23º FUNDAO 2015



26º LOMBA DA MAIA 2016



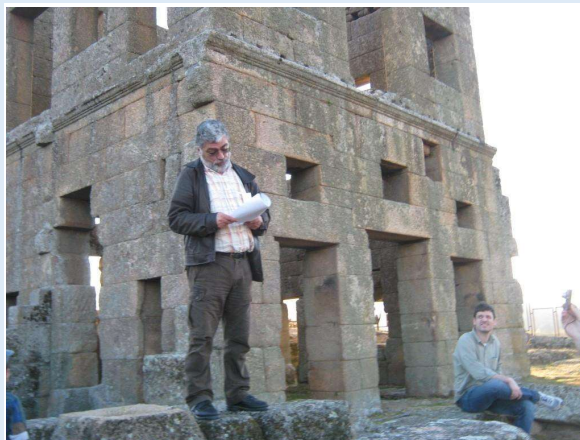
25º MONTALEGRE 206



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018



23º Fundão 2015



25º MONTALEGRE 2016



25º graciosa 2015 21º Moinhos 2014



APRESENTA Os Açores na literatura infantojuvenil

1 – Sinopse

A literatura infantojuvenil desabrocha no coração da literatura tradicional de expressão oral, pois este manancial, embora não se destinando exclusivamente às crianças e jovens constituiu, de facto, a primeira forma literária que tanto encanta as crianças quanto lhes permite uma maturação cognitiva e psicossocial. Muitos foram os autores que se dedicaram ao levantamento e à publicação dos contos tradicionais açorianos. Sublinhemos a importância de que revestiram os *Contos tradicionais do povo português* de Teófilo Braga. As imagens dos Açores apreendidas e apreciadas pelas crianças também não se limitam à literatura escrita exclusivamente para elas, anexando a esse núcleo duro um conjunto de obras que obtiveram as boas graças de um público juvenil, em particular pela presença de alguns extratos em livros escolares e, mais recentemente, pelo impulso dado pelo plano nacional de leitura. Incluímos nesse conjunto a obra de Raul Brandão *As ilhas desconhecidas*, a obra de Ferreira de Castro *Pequenos mundos e velhas civilizações* e a de Jaime Cortesão *O romance das ilhas encantadas*. Autores continentais não deixaram de contribuir para uma construção dos Açores enquanto espaço encantado e heroico, salientemos a banda desenhada de José Ruy *Ilha Terceira – Açores. O heroísmo de uma vitória*. Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada não poderiam ter ignorado a sua intensidade simbólica e mítica em *Nos Açores*, da série juvenil *Uma aventura*. A Maria Eduarda Rosa já me mereceu, no contexto destes encontros, uma primeira reflexão entusiasmada. Nos últimos anos tem vindo a surgir um conjunto de obras de autores açorianos dedicadas às crianças, algumas bilingues e quase todas com uma qualidade gráfica e ilustrativa bastante sedutoras. As lendas açorianas continuam presentes em obras tal como, *Os cumes da atlântida* de Rui Leite Melo e Nina Medeiros. Susana Teles Margarido mergulha profundamente no género, percorrendo as nove ilhas, atenta às cores e paisagens dominantes, assim como, à relação psicossocial que une as gentes ilhoas às suas terras. *Ilha à vista* de Rita Bonança e Sandra Pinheiro, mereceu um prefácio extremamente elogioso da professora Doutora Susana Goulart Costa. O livro apresenta os conceitos de ilha, de arquipélago, de vulcão, visitando fauna e flora, presente e passado e projeta-se no futuro uma vez que a obra se dedica aos mais pequenos. Quem imaginaria melhor para imortalizar um projeto de cidadania. Vários outros retratam momentos tradições e vivências específicos tal como, *O natal com sabor diferente* de Mariana Cymbron e Rita Bonança. A vida escolar, as referências ao mar e à América aparecem em Tomaz Conz: *A história de uma vida feliz* de Teresa Viveiros e Urbano. Não menos importante são obras que pretendem preservar a riqueza ambiental da ilha tal como a arte de reciclar de Martiana Cibron e Rita Bonança. É justo terminar com uma última referência aos autores que pelos Açores passaram e que se deixaram influenciar profundamente o seu imaginário tal como Anabela Mimoso em particular a sua obra *aquela palavra mar*.

2 – Da Literatura Tradicional açoriana à representação dos Açores na Literatura para a Infância

Aquando da comemoração do primeiro centenário da Implantação da República, Anabela Mimoso revisitou os Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga (1843-1924) e teve a generosidade de partilhar connosco (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia) as suas reflexões e o seu trabalho. Teófilo era micaelense, e para além dos Contos Tradicionais do Povo Português, percebeu a importância de reunir o património cultural do arquipélago em os contos tradicionais açorianos: Contos Populares do Povo Açoriano (1869), reeditados pela Universidade dos Açores em 1982. Os contos referidos integraram os Contos Tradicionais do Povo Português, ordenados segundo um critério temático, mas sempre com a referência à sua origem geográfica. A edição de Anabela Mimoso inclui um estudo introdutório sobre a vida e obra do autor assim como a sua importância enquanto autor nacional e internacional. Várias são as fontes e os escritores regionais que deram corpo à obra apaixonada de Teófilo Braga, tais como vários foram os autores e as obras que deram corpo à obra para jovens *O Romance da Ilhas Encantadas* de Jaime Cortesão (1884-1960): “Este romance que ides ler, jovens amigos, não julgueis que de ponta a ponta o inventei, para depois vo-lo contar. Ele anda escrito, pedaço aqui, pedaço além, por velhos livros, onde se recordam histórias contadas pelo povo, nas idades antigas.” (Cortesão, 7)

Jaime Cortesão entrelaçou várias tradições marítimas e contos luminosos numa magnífica filigrana que remonta às míticas épocas da Atlântida, das mulheres marinhas que nos recordam as ondinas francesas e alemãs, e às velhas tradições mouras que referem atlânticas ilhas perdidas no nevoeiro. As memórias celtas da gesta arturiana articulam-se com os empreendimentos apaixonados de São Brandão e de uma multidude de monges que da Irlanda decidiram anunciar a boa nova a uma Europa ainda submissa às velhas crenças pagãs. A fuga cristã dos invasores muçulmanos, para norte, deu origem à lenda da Ilha das

Sete Cidades, sete bispos que embarcaram no Porto com as suas comunidades e terão aportado às ilhas da constante primavera. As lendas nobiliárquicas relacionadas com a fundação da nossa nação relatam-nos a terna história dos Marinheiros, família descendente de Dom João Froiz e da mulher Marinha que encontrara deitada na praia num colchão de algas:

De cabeleira solta e mal coberta com o seu vestido de algas, a filha do Mar esbracejava inutilmente entre as possantes mãos de Dom Froiz.

Mas – coisa estranha! – nem palavra de queixa se lhe ouvia!

Por fim deixara de lutar. Contentes, os monteiros riam. Dom Froiz subiu para o cavalo, e, com o auxílio dos seus homens, ergueu-a sobre a sela. E, sem tardar, maravilhado e satisfeito com tão nova caça, abalou direito a seu castelo. (Cortesão, 1988: 19)

Jaime Cortesão faz descender, de tão ilustre família, todo um povo, que neto do mar, mais do que qualquer outro povo o amava e o desejava, assim Machico desencantou as ilhas encantadas, e os seus lobos marinhos e as suas florestas de madressilva. O Infante Dom Henrique juntou na vila do Cabo de São Vicente os marinheiros do reino e daí desencantaram outras ilhas, outros mares e outros continentes:

E por fim, meus amigos, vos direi: Marinheiros, foram também Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e os irmãos. Corte-Reais que conseguiram arrancar aos mares os seus maiores segredos.

Mas, só quando os cristãos conquistaram o reino de Granada, última parte das Espanhas, que estava em mãos de mouros, então de todo se desencantaram as terras, as ilhas e os mares, que, havia tantos séculos, estavam escondidas no grande mar Oceano. (Cortesão, 1988: 48)

Embora Raul Brandão (1867-1930) não tenha escrito o seu diário de bordo: *As Ilhas Desconhecidas* (1927) para um público infantojuvenil, talvez fosse uma grave lacuna não o evocar, na medida em que todas as obras posteriores que representam os Açores, em particular para os mais jovens, nunca deixaram de o ter em conta. Urbano Bettencourt refere no prefácio da obra de Vasco Medeiros Rosa: *Raul Brandão e os Açores* que:

Quase cem anos após a sua publicação em 1927, *As Ilhas Desconhecidas* continuam um livro singular sobre os Açores e não apenas por causa das suas notáveis descrições, pelo modo sintético e denso como Raul Brandão nos deixa o registo de um fenómeno observado ou a anotação sobre o tempo e o homem insulares. Resultado de uma viagem de cerca de dois meses aos Açores, em 1924, incentivada pelo convívio do escritor com açorianos e conhecedores do arquipélago, *As Ilhas Desconhecidas* trazem como subtítulo a inscrição «notas e paisagens», o que poderá eventualmente ter atirado para uma espécie de limbo no interior da sua obra este livro de Brandão. E, no entanto, quem o souber ler há de encontrar nele alguns traços do escritor, o seu espanto perante a Dor e os abismos humanos; é uma obra que para lá do efémero e do transitório tenta desvendar o mistério íntimo dos homens nas suas relações mútuas e com o tempo, na sua compreensão da vida. (Rosa, 2019: 9)

Raul Brandão descreve o arquipélago com todos os seus sentidos e em particular com a sua exímia capacidade de poeta pintor, mestre de cores e tons, evocando aquarelas encharcadas de brumas e neblinas, tal como no início dos tempos quando os elementos ainda não tinham sido separados pela mão do Criador:

“[MANHÃ TRANSPARENTE] (3)

Uma manhã transparente que hesita e flutua como um ser delicado, envolta em neblinas. Céu dum azul pálido, forrado no horizonte de nuvenzinhas claras. Mar desmaiado, que não foi feito para se ver, mas para respirar, esparso, quieto e fundido. Ao fundo uma mancha indecisa, envolta em névoa que logo se resolve em poeira esbranquiçada ... Há nas coisas uma hesitação, uma mescla, um abrir, como no princípio do mundo quando a água, a luz e a terra não estavam ainda separadas pela mão de Deus. A tinta é muito pouca – quase nada de cor e de sonho. Santa Maria desvenda-se entre as névoas: um monte alongado como uma parte mais baixa e a Vila do Porto saliente, tudo azul, emergindo do azul.” (Brandão in Santa-Ritta, 1982: 148-149)

As cores e os tons iluminam-se sob nuvens mágicas, formando filigranas de oiro de múltiplas tonalidades, magistralmente representando cada momento vivida na ilha das Flores:

“[A LUZ VAPORIZADA] (10)

Tenho a impressão de que há nas Flores a luz mais delicada dos Açores, a luz vaporizada que se sensibiliza a todos os momentos. É talvez da cor, que é única, do pó roxo, do verde dos pastos sempre tenro e uniforme – é talvez da mistura dos nervos do mar, da chuva de verão, do sol que se desfaz em oiro sobre tudo isto, e destas nuvens mágicas que intercetam a luz ruborizando-se como grandes velários de cor – para logo se desfazerem diante de meus olhos em arabescos, em fios ténues em farrapos (...) Todas as cores se fundem e acabam por se apagar em cinzento deixando só resquícios na atmosfera húmida. Nunca assim vi ambiente tão rico em prestígio sempre diverso e sempre em movimento. É o cinzento que predomina – mas um cinzento colorido onde boiam cores húmidas, principalmente o verde e o violeta – jorrando, atabafando em pardo e violeta montes verdes a escorrer.” (Brandão in Santa-Ritta, 1982: 156-157)

No Corvo, Gente e animais confundem-se numa mesma solidariedade solitário no meio do Atlântico: Os rostos das mulheres e os focinhos das vacas espreitam aqui e ali. Os homens e os bois trabalham lado a lado, os jovens cheiram a leite e a corte e o leite tem o sabor de cada uma das flores e ervas tenras graças a uma misteriosa humidade destilada lá no céu:

[O CORVO] (11)

Às duas da madrugada, na noite funda, com um rebramir de mar sempre presente oíço a buzina do pastor que chama os outros lá do alto do portão. E partem juntos no escuro: vão ordenhar as vacas à Ribeira Funda, à Ribeira da Vaca, à Feijoa dos Negros, baldios a noroeste da ilha por montes e vales onde só crescem algumas faias e cedros. Cada lavrador tem dois boizinhos, os bois do carro ao pé da porta; os outros andam nos corrais ao ar livre até fevereiro. As vaquinhas, encantadora raça do corvo são mungidas nos pastos, e produzem este leite perfumado, que não me canso de beber e que sabe a todas as ervas rasteiras que cobrem o chão com um tapete, e que os pastores designam uma a uma pelo nome: sabem ao trevo enamorado de três folhinhas esguias em cada ponta, ao guedilhão, ao azevém, ao feno, à solda de florinhas amarelas, à mão-furada, à lia vaca, à lia vaquinha, à milhã, à erva estrelinha de flores brancas, e às variedades de fetos que eles distinguem pelos nomes de fetos serrim, feto rato e molar, feto porco e feto branco – que dão camadas sucessivas de pasto nesta humidade que destila do céu. (Brandão in Santa-Ritta, 1982: 157-158)

Ferreira de Castro (1898-1974) na sua insaciável sede de saber e de conhecer referiu-se à Madeira e aos Açores na sua obra *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, segundo volume. As semelhanças estilísticas com a obra de Raul Brandão são evidentes. Para além das emoções que terá vivido durante a sua viagem estas nossas ilhas Atlânticas, percebemos a sua admiração pelo talento de Raul Brandão:

Já vamos, porém, longe. O navio aproa aos Açores e a madeira transforma-se num sonho distante, num fulgor a esmaecer na negrura do Atlântico. Uma noite, um dia, mais uma noite anda, anda, no mar convulso – e entramos em águas Açorianas. Alguns rochedos, batidos raivosamente pela vaga, que hora os esconde, ora os descobre, prometem terra próxima. Está mais além a Ilha de Santa Maria, a primeira do arquipélago, a primeira das nove irmãs que Gonçalo Velho encontrou. (Castro, 1985: 192)

Em São Miguel, a caminho do vale das furnas, surgem as encostas rendilhadas onde se abandona a branca espuma do mais profundo azul:

[S. MIGUEL] (4)

Mal saímos da colmeia urbana em direção ao vale das furnas abra-se como leque de muitas varetas o cortejo fugaz dos panoramas. À direita, à esquerda, à frente onde quer que o olhar pose, surge uma paisagem nova que fulgura um momento e logo sede o lugar a outra, a outra, e outra, numa variedade assombrosa. (...) E quanto mais avançamos maior multiformidade apresenta. São as ribas escuras, rendilhadas, caprichosas, onde vem morre, em branca espuma, o azul do Atlântico, e são as encostas cheias de acidentes, de relevos imprevisito, heranças de vulcões, que, um dia, abriram as faces e surraram fogo e lava subitamente emudecido. Há penhascos ribeirinhos tão corroídos pelo sal das águas que nenhum cinzel alucinado faria, em pedra, obra mais surpreendente e fantasiosa. (Ferreira de Castro in Santa-Ritta, 1982: 149)

A Graciosa ferveilha de beleza e história. A praça central, decorada de um luxuriante arvoredado, prolonga a memória de Fontes Pereira de Melo e a Caldeira da Praia continua a envaidecer-se, com pasmo de Alberto I que a considerou coisa única no mundo:

[GRACIOSA] (6)

Abalamos ao meio da noite, e ao dealbar, a Graciosa está em frente do navio. A vila de Santa Cruz, como quase todos os povoados açorianos, branqueja aos pés de alguns outeiros de suaves ondulações. Por entre a casaria irrompem rendilhadas araucárias e do Monte da Ajuda, contraforte natural, vigiam o burgo e a lonjura marítima três alvas capelitas, dispersas na soledade dos picotos verdes. Santa Cruz possui uma ampla praça dedicada a Fontes Pereira de Melo e decorada com arvoredado de soberbo porte. A grande curiosidade da Graciosa é porém a «Caldeira da Praia», fuma de enxofre que Alberto I, de Mônaco, andando aqui em estudos oceanográficos, proclamou ser coisa única no mundo ... Longa caverna a 25 metros sob o nível do mar, ocupa-a, em parte, vasta lagoa, coberta por fantasiosa abóbada. Um pertinaz vulcão, trabalhando ali, ferve a água, larga escórias e satura a atmosfera com emanações sulfúricas. (Ferreira de Castro in Santa-Ritta, 152-153)

3 – A representação dos Açores na Literatura Juvenil

A obra de Maria Eduarda Rosa, já me mereceu, no contexto destes encontros, um estudo autónomo. Tive a ocasião de a ter conhecido numa viagem de autocarro de Setúbal para Lisboa. Posteriormente um amigo comum voltou-me a falar dela em termos bastante elogiosos e entusiásticos. Voltei então à biblioteca da Escola Preparatória Luísa Todi, onde encontrei alguns dos seus colegas com os quais partilhei impressões e ideias. A professora responsável pela biblioteca, na altura, colocou-me à disposição os livros que me permitiram o trabalho referido. Posteriormente consegui entrar em contacto com ela. De uma extrema gentileza e generosidade, enviou-me exemplares da maior parte da sua obra e outras publicadas pela editora FaiAlentejo:

Cidadã empenhada na ternura e no amor pela natureza e pela terra, pessoa que nunca se acomodou e tantas vezes incomodou pela sua coragem, pelo seu talento e pelo seu bom gosto. Professora, amada e estimada por alunos, por colegas e amigos a quem dedica as suas obras que oferece generosamente com delicadas e ternurentas dedicatórias. Mulher de uma sólida cultura clássica, e possuidora de uma rara sensibilidade estética, não deixa de se enternecer pela simplicidade da cultura e da sabedoria popular como está bem patente em algumas quadras e alguns versos incluídos na sua obra. (Pereira, 2019: 295-296)

Relembremos apenas três das suas obras infantojuvenis:

A guardadora do tesouro e da guarda de ouro (Edições BLU, 1998), obra de memórias viradas para o futuro. Sito apenas o fim da obra, concluída em Setúbal no Equinócio da primavera de 1996:

O imperador perguntou ao sábio músico:

- Como puseste a tocar esta harpa com tanta facilidade, quando os melhores músicos da corte as experimentaram durante semanas sem nada conseguirem?
- É simples, falei-lhe do seu vale, daquele que a viu nascer, da erva que crescia a seus pés, do chilrear dos pássaros seus amigos, da corrente da água que refresca os seus pés no verão, da torrente de luar nos seus ramos... (Rosa, 1998: 90-91)

Coração do Mar (FaiAlentejo, 2007), que nos fala da longa viagem marítima realizada por uma semente de uma árvore autóctone do continente americano até chegar à areia vulcânica dos Capelinhos onde foi encontrada por um casal que ali costumava caminhar. O feijão do mar contou então a sua história.

Part & Ilha (FaiAlentejo, 2008), a obra relata-nos oito contos exemplares em torno de imagens femininas de uma grande força interior. Maricota, o primeiro dos contos evoca-nos o movimento migratório do Brasil para Portugal e a vulnerabilidade particular das mulheres confundidas, no velho imaginário com sereias, objetos de desejo e de perdição. O último conto, Natal Solitário, Natal Solidário, de uma grande coragem autobiográfica conta a história de uma mãe que se preparava para passar a noite de natal com a sua filha, mas enquanto o bacalhau estava na panela, tocou a campainha e apareceu o pai para levar a filha passar o natal com a sua numerosa família. A mãe ficou gelada: “Estou viva! – gritou para dentro de si – irmã de todos os sós.” (p. 105)

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada não podiam de deixar de viajar para os Açores e desenvolver uma das suas aventuras juvenis com a típica estrutura de tipo policial, nesta obra o famoso detetive não é nada mais nada menos que o Eduíno não de Jesus mas Eduíno Amaral, investigador em todo o arquipélago com máximo rigor e confidencialidade total. A mãe das gémeas surgiu carregada de livros e decidida a questionar os amigos sobre o arquipélago dos açores. Pois, sem saberem já estavam a preparar para uma fabulosa viagem aos açores. Atterraram no aeroporto da Terceira:

Estar numa ilha é sempre uma experiência de sonho. Assim que puseram os pés em terra, deixaram-se arrebatar por uma espécie de euforia coletiva. Até os cães pareciam contagiados. Ladravam e abanavam o rabo, distribuindo lambidelas em redor.

A cidade ficava bastante longe do aeroporto. Pelo caminho não houve diálogo. Toda a gente fazia os mesmos comentários soltos:

- Que bonito!
- A vista é deslumbrante.
- De toda a parte se vê o mar!
- Sinto-me como os navegadores que descobriram a ilha Terceira – exclamou João.
- Para nós a Terceira foi a primeira!
- É verdade, que giro! (Magalhães; Alçada, 1993: 32)

Tony, um dos amigos, irá descobrir Praia da Vitória a ilha dos seus antepassados com indisfarçável orgulho:

Tony não escondia o entusiasmo pela terra dos seus antepassados. Ao passar na cidade da Praia da Vitória, tirou o chapéu numa alegre saudação e pôs-se a falar de guerras:

- Nesta costa houve uma batalha como nunca se viu outra igual. Foi a batalha da Salga. Participaram homens, mulheres, vacas e toiros, e sabem quem saiu à frente? Uma mulher! Chamava-se Brianda. lupi! Grande mulher [...] (Magalhães; Alçada, 1993: 54)

As piscinas naturais fazem parte, hoje de um dos patrimónios naturais mais apreciados de ilhéus e veraneantes:

Quando chegaram às piscinas naturais de Biscoitos tornou-se muito mais difícil manter-se a vigilância porque o grupo de dispersou. (Magalhães; Alçada, 1993, 55)

Os arcos da cidade de Ponta Delgada são um monumento à resiliência e à resistência contra todo o tipo de adversidades:

- Estes arcos eram as antigas portas da cidade de Ponta Delgada -explicou-lhes um dos fotógrafos. – Toquem nas pedras e sintam a força contida numa construção que resistiu a tremores de terra, ataques de piratas, vendavais, e sobretudo à fúria destruidora dos homens. São pedras com duzentos anos! (Magalhães; Alçada, 1993: 62)

A lenda da Atlântida é evocada por um estranho casal que parece estar de regresso às famosas ilhas encantadas, onde ainda sobrevivem as memórias de uma cultura embalada nas brumas do mar:

- Vocês com certeza já ouviram contar que as Ilhas dos Açores são o que resta do antigo continente que havia a meio do Oceano. Afundou-se por causa de um grande tremor de terra e só ficaram de fora os cumes das montanhas. São as ilhas.

Pedro conhecia a história, mas tomara-a por lenda.

- Lenda? Todas as lendas têm um fundo de verdade. E neste caso até há documentos escritos. As informações mais antigas a respeito dos atlantes têm vinte e cinco séculos e foram dadas a um filósofo grego chamado Platão, que ficou famoso por ser muito inteligente e sabedor. (Magalhães; Alçada, 1993: 67)

Em São Miguel, o coração da terra revela-se por entre cortinas gasosas, cheiro de enxofre, cantos de pássaros, águas de todas as temperaturas, maciços de verdura e tufos de cores florais:

Era um vale estranho, onde a terra parecia viva porque o chão emitia ruídos surdos. Aqui e além charcos de lama ferviam, borbulhavam, expelindo nuvens de vapor ora muito finas ora tão grossas que as pessoas mais próximas desapareciam envoltas numa cortina gasosa. Cheirava a enxofre. Centenas de pássaros cantavam, acompanhados pelo gotejar alegre de vinte e duas pontes, cuja água era fria, morna ou quente.

Maciços de verdura aconchegavam o vale num abraço amigo. Por toda a parte irrompiam tufos de flores vermelhas e brancas.

«Isto é uma experiência mágica», pensava a Luísa, de novo arrebatada pelo desejo de escrever, agora versos, versos lindos sobre o que a rodeava.

O coração da Terra

Espreita cá para fora

Estou maravilhada

Não quero ir embora. (Magalhães; Alçada. 1993: 94 e 96)

A Horta recorda a sua primitiva povoação flamenga e o terror provocado pela erupção do vulcão do Capelinhos que tanta gente cuspiu lá para as Américas:

Ainda não tinham aterrado e já estavam encantados com a ilha por causa do vulcão. Sobrevoaram-no a baixa altitude e ficaram impressionadíssimos porque era uma verdadeira montanha de cinzas com a cratera e tudo. Visto de cima lembrava um monstro marinho de goela aberta.

Tony emocionou-se:

- Isto é o vulcão dos Capelinhos. Quando explodiu foi um horror. O fogo saía do mar aos borbotões. Levantou-se um jato de vapor de água com quatro mil metros de altura e depois houve chuva e cinza. Mas não pensem em salpicos. Foram toneladas de cinza preta a cair sobre os campos em redor. As casas mais próximas ficaram soterradas, as pessoas fugiam aos gritos julgando que iam morrer todas e em dois dias houve quinhentos tremores de terra. A descrição era arrepiante só que as coisas arrepiantes fascinam. (Magalhães; Alçada, 1993: 138)

- Então? gostavam da Horta? Olhem que nada tem a ver com alfaces. O nome da cidade deve-se ao primeiro povoador, que era estrangeiro e se chamava Huertere. Vejam lá se conseguem pronunciar a palavra sem fazer caretas: Huertere [...] Conduziu-os até à beira mar para que vissem o enorme paredão coberto de desenhos, pinturas e inscrições feitas pelos muitos homens e mulheres que por ali pararam a repousar das canseiras sofridas na travessia do Atlântico. (Magalhães; Alçada, 1993: 139-140)

A obra termina com uma pequena antologia de História e lendas dos Açores, de grande proveito para os mais novos: A lenda dos nove irmãos, A ilha do Corvo: Ali, o feiticeiro, Ilha das flores: o povoamento, Ilha Graciosa: o casamento do pirata, Ilha de São Jorge: o borrego das festas, Ilha do Faial: o cavaleiro do silêncio, Ilha do Pico: O talismã da Ilha do Pico, Ilha Terceira: A batalha da Salga, Ilha de São Miguel: Lenda das Sete Cidades, Ilha de Santa Maria. Bei! Bei! Bei!, e a lenda da Atlântida.

José Ruy, deu-nos três magníficos álbuns em banda desenhada em torno da açorianidade, o primeiro terá sido Peter café Sport e o Vulcão do Faial (2006), o segundo, A Ilha do Corvo que venceu os piratas (2018) e o terceiro a Ilha Terceira – Açores O Heroísmo de uma Vitória (2020):

Localizada na extremidade ocidental do arquipélago, a ilha do Corvo esteve, durante muito tempo, na mira dos piratas e corsários que navegavam aquelas águas, o que originou alguns episódios de conflito, e curiosamente, algumas relações de proximidade.

Com base num documento histórico do século XVII que narra a resistência dos corvinos a um ataque de piratas, José Ruy imaginou uma história que integrou contribuições das pessoas do Corvo tornando-se uma aventura partilhada que consciencializa para a valorização do património e cultura local. (In sinopse editorial)

Há 200 anos, Portugal acertava agulhas com os ideais da liberdade e da igualdade. Em 1820 ocorre a revolução liberal originando um conjunto de confrontos entre os adeptos da liberdade e do absolutismo. A ilha terceira desempenha, uma vez mais um lugar de relevo na história de Portugal e Angra e Praia revelam-se centrais numa parte desse percurso de Portugal em direção à liberdade. Da centralidade da terceira e das peripécias e personagens que se destacaram nessa primeira metade do século XIX dá conta esta obra da autoria de mestre José Ruy, que a narra com a mestria de traço e forma que há muito se lhe reconhecem. Obra que nasceu no seio do Instituto Açoriano de Cultura e a que muito nos orgulhamos de estar associados. (Carlos Bessa, Presidente da Direção do Instituto Açoriano de Cultura, in Ruy José, 2020, badana)

A presente obra vem trazer ao público amante da banda desenhada, em que se inclui boa parte dos mais jovens, mas não só, a memória de um período em que a cidade de Angra foi determinante na construção da modernidade. As ideias saídas da Revolução Francesa que abalaram a Europa nas décadas anteriores entraram nos Açores através de um grupo de denodados liberais, uma verdadeira elite no sentido mais nobre do termo, que encontrou em Angra o bastião, primeiro de resistência como «rochedo da salvação», mas depois a base segura a partir da qual o ideário liberal de liberdade, igualdade e fraternidade se expandiu pelas ilhas e depois pelo resto do país. Lembrar esses tempos é trazer à ribalta uma das páginas mais gloriosas da nossa história, que mereceu à nossa cidade o epíteto «do Heroísmo», que hoje orgulhosamente ostenta. (Guido Teles, Vereador da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo in Ruy José, 2020, contracapa)

Susana Teles Margarido, socióloga, estudiosa de Sophia de Mello Breyner Anderson e autora de ensaios sobre a questão de género, escreveu Luna e as Ilhas fantásticas dos Açores. A obra é um hino de amor ao arquipélago que a viu nascer. Conta-nos uma aventura protagonizada por uma vaquinha e por um golfinho voadores. Visitamos as nove ilhas com as suas fantásticas paisagens onde a autora projetou duendes, gnomos e monstros. A aventura inicia-se na Ilha de Santa Maria onde tinha nascido a vaquinha chamada Luna nascida numa linda noite de luar. Aprendeu a voar com uma gaivota que já havia ensinado um golfinho. O cagarro Simpático será o grande cicerone. Para além de mostrar todas as maravilhas também se revela um excelente contador de histórias, lendas e costumes. Seguem-se as outras ilhas, São Miguel, A Ilha Esmeralda, sobrevoaram igrejas, as Portas da cidade, os Paços do Concelho e vários monumentos. Encontraram uma avestruz provaram a gastronomia e a doçaria da ilha e maravilharam-se com as hortênsias, estrelicias, azáleas, camélias, próteas, rosas e malmequeres variados. Sentaram-se a tomar o famoso chá da ilha, espreitaram as estufas de ananases, as fajãs, as furnas, as lagoas e as várias vilas, assim como

algumas das poucas manchas de laurissilva que resistiram a milhões de anos e a várias glaciações. Seguiram para a Terceira, a terceira ilha encantada, seguiu-se a Graciosa, São Jorge, como um dragão no atlântico, o Pico, a ilha misteriosa, o Faial a ilha cor do céu, as flores, a ilha dos cubres, de águas cristalinas correndo pelas escarpas em direção ao mar e a mais pequena, o Corvo, a ilha solitária. Rui Leite Melo apresenta os Açores como *Os cumes da Atlântida* (Lendas dos Açores). A obra, magnificamente ilustrada por Nina Medeiros, tem um mérito de ser bilingue português e francês e de aproveitar a lenda de Platão para uma descrição fantasiosa, colorida e enamorada:

Muitos e muitos anos passados, essas agora pequenas ilhas, restos da grandiosa Atlântida, acolheriam gentes vindas um pouco de toda a parte.

Um após outro, foram os nove pedaços de terra verdejante redescobertos pelos aventureiros navegadores portugueses, que delas fizeram parte da sua pátria. A eles chamaram de ilhas dos Açores, em referência às muitas aves de rapina que resistiam em tão ermos territórios.

Anabela Mimoso, ofereceu aos mais pequenos uma obra deliciosa intitulada *aquele palavra mar*. Toda a obra respira ilha e mar, sem, todavia, nunca mencionar diretamente o Arquipélago dos Açores. Aqueles que melhor a conhecem reconhecem, no entanto em toda a sua obra a influência que os Açores tiveram nesta sua magnífica criação. Não podia ela deixar de a dedicar a um casal, ilhéu, de coração e alma:

A todos os que são obrigados a estar longe das suas terras (como os Chrystellos), a todos os que aprenderam a conjugar, a todos os modos e tempos, a única palavra que não sendo verbo também é conjugada: saudade...

Na primeira década deste século as edições Letras Lavadas tomaram a iniciativa de publicar várias obras destinadas às crianças açorianas e a todas as crianças com a curiosidade de descobrir a especificidade de realidade contemporânea dos Açores. Surgiu assim, a *Ilha à Vista* (2011) de Rita Bonança com a ilustração de Sandra Pinheiro. Trata-se de uma obra bilingue (Português e Inglês), é uma apresentação da ilha para os mais pequenos, das suas paisagens, da sua história e da sua cultura. Esta obra é fruto de um projeto coordenado pela educadora de infância Rita Bonança, o que a reveste de uma especial importância pedagógica.

"*Tomaz com z - a história de uma vida feliz*" é a justa homenagem ao pintor e escritor Tomaz Borba Vieira. Foi lançado na Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira, no Concelho da Lagoa, Ilha de São Miguel. É uma bibliografia escrita com muita sensibilidade para os mais novos, ensina o amor pelos livros, pelas culturas, pelas artes, pelas histórias, pelas plantas e pelas paisagens. As ilustrações de Urbano dão-lhe a dimensão artística que Tomaz, ao longo da sua vida, não teria desdenhado. A obra termina com uma componente educativa e algumas páginas em branco que convidam à criatividade. A bibliografia em muitos aspetos comove por tanto se assemelhar às aventuras de tantos ilhéus que procuraram a sua realização, prestígio e fortuna para além do mar:

Aprendeu e voltou para a ilha para o seu berço. (2013)

O Natal com um sabor diferente é uma obra de Mariana Cymbron e Rita Bonança ilustrada por Martim Cymbron a obra apresenta as várias tradições natalícias do arquipélago e termina com um livro de receitas para um natal com um sabor diferente:

- *Hoje trago-lhe um chá preto, Orange Pekoe, o ideal para servir por volta das cinco horas, que acompanha muito bem uns suspiros da ilha do Corvo, umas espécies tradicionais da ilha de São Jorge e umas queijadas da Graciosa. Entrando no mês de dezembro começo com a ementa das minhas ilhas – relembrou Carminda, soltando um suspiro que parecia afagar-lhe as saudades da sua casa. O Pai Natal de barriguinha cheia, inspirou-se e começou por contar um pouco do que é o Natal neste arquipélago. E assim começaram várias tardes de recordações... (2012)*

Para terminar esta breve resenha gostaria de sublinhar a pertinência cultural e pedagógica do livro, bilingue de Mariana Cymbron e Rita Bonança ilustrado por Sofia Carolina Botelho *Arte de Reciclar* que reflete as problemáticas ambientais, desenvolvendo comportamentos e hábitos de uma cidadania responsável e de uma comunidade com os olhos postos no futuro:

Malaquias interrompeu a professora, sugerindo:

- *Era interessante fazermos uma visita a uma gráfica.*

- *Excelente ideia! Vou falar com o Ernesto, um grande amigo e dono de uma gráfica aqui nos Açores. Ele melhor do que ninguém poderá explicar-nos o funcionamento de uma gráfica. (2012)*

Bibliografia

Bastos, Glória (1999) *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bonança, Rita (2012) *Ilha à vista*. Açores: Letras Lavadas.

Braga, Teófilo (1999) *Contos Tradicionais do Povo Português*. vol. I. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Braga, Teófilo (1999) *Contos Tradicionais do Povo Português*. vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Brandão, Raul (1998) *As Ilhas Desconhecidas*. Lisboa: Veja.

Castro, Ferreira (1985) *Obras Completas. Pequenos mundos e velhas civilizações*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Cortesão, Jaime (1998) *O Romance das Ilhas Encantadas*. Lisboa: Vega.

Cymbron, Mariana; Bonança, Rita (2012) *A arte de reciclar*. Açores: Letras Lavadas.

Cymbron, Mariana; Bonança, Rita (2012) *O Natal com um sabor diferente*. Açores: Letras Lavadas.

Magalhães, Ana Maria; Alçada Isabel (1993) *Uma aventura nos Açores*. Lisboa: Caminho.

Margarido, Susana Teles (2007) *Luna e as ilhas fantásticas dos Açores*. Lisboa: Artes e Letras.

Melo, Rui Leite (2014) *Os Cumes da Atlântida*. edições Vieira da Silva

Mimoso, Anabela (2010) *aquele palavra mar*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

Mimoso, Anabela (org.) (2010) *Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

Parafita, Alexandre (1999) *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano.

Pereira, Luciano (2019) *Lusofonografias: Ensaios pedagógico-literários*. Tübingen: Calepinus Verlag.

Rosa, Maria Eduarda (1998) *A Guardadora do Tesouro e a Vara de Ouro*. Açores: BLU edições.

Rosa, Maria Eduarda (1998) *Part & ilha*. Açores: FaiAlentejo.

Rosa, Maria Eduarda (2007) *Coração do Mar*. Açores: FaiAlentejo.
 Rosa, Vasco Medeiros (2019) *Raul Brandão e os Açores*. Açores: Livros em boa Companhia.
 Ruy, José (2006) *Peter café Sport e o Vulcão do Faial*. Marginalia.
 Ruy, José (2018) *A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas*. Lisboa: Âncora editora.
 Ruy, José (2020) *Ilha Terceira – Açores. O Heroísmo de uma Vitória*. Lisboa: Âncora editora.
 Santa-Ritta, Gonçalo (1982) *Portugal. A expressão da paisagem*. Lisboa Terra Livre.
 Santos, Avelino; Santos Lúcia (2011) *As lendas no Imaginário Açoriano*. Açores: Blu.
 Tales, Azorean (2014) *Os Cumes da Atlântida*. Açores: edições vieira da silva.
 Viveiros, Teresa (2013) *Tomaz com z a história de uma vida feliz*. Açores: Letras Lavadas.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL,

– PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL DESDE 2019 –

PERTENCEU AO CONSELHO FISCAL DESDE 2010,

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE,

TOMA PARTE DESDE O PRIMEIRO NO PORTO 2002, 2º BRAGANÇA 2003, 3º BRAGANÇA 2004, 4º BRAGANÇA 2005, 5º RIBEIRA GRANDE 2005, 6º BRAGANÇA 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADEIRA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 35º BELMONTE 2022

21. LUÍS FILIPE BORGES, coautor de Mal-Amanhados – Os Novos Corsários das Ilhas



Luís Filipe Borges tem 42 anos, uma licenciatura em Direito que não usa, uma cadela, um gato e um sinal saliente no pescoço a pedir consulta médica.

Argumentista, benfiquista, comediante, formador de escrita criativa, locutor publicitário, apresentador, desilude sistematicamente a família desde 1977.

É autor, produtor e coanfitrião de “Mal-Amanhados – Os Novos Corsários das Ilhas”.

LUÍS FILIPE BORGES, também conhecido pela alcunha de “boinas” por usar sempre uma boina preta, é uma multifacetada figura pública, com grande visibilidade mediática.

Para além de guionista, humorista, ator, autor e coautor, colabora em diversas publicações e é um dos cinco apresentadores do programa “5 para a meia-noite”, na RTP 2.

É essencialmente sobre a sua já vasta obra literária que vai incidir a sessão de “A conversa com...” a 18 de março na Biblioteca Municipal.

Para além das histórias por detrás dos seus livros, não deixarão de ser abordadas outras relacionadas com a sua diversificada experiência profissional em áreas como o teatro e a televisão.

Nota biográfica:

Luís Filipe Borges nasceu em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, Açores em 1977.

Licenciou-se pela Faculdade de Direito de Lisboa entre 95/2000, com um louvor do Conselho Diretivo, um 1º prémio por equipas no *Moot Court/99* e um artigo publicado na Revista Jurídica.

É apresentador e guionista de televisão, apresentou o programa de stand-up comedy *Sempre em Pé* na RTP2. Antes, foi o anfitrião das 4 séries do talk-show sobre Portugal, “A Revolta dos Pastéis de Nata”, grande êxito do mesmo canal.

Conhecido por andar sempre com uma boina (daí ter alcunha de ‘Boinas’) já trabalhou nas mais diversas áreas desde ator a coautor em Teatro e Cinema

Para além de apresentar o programa *5 para a meia-noite* participa também em diversos projetos humorísticos, está ligado à empresa *Produções Fictícias*, colabora com a imprensa e tem livros publicados em vários géneros.

É também Formador pelas PF em workshops de escrita.